



O ANO DA RETOMADA?

Entre os diferentes segmentos dos seguros, a expectativa é de uma virada na economia



Sindseg SP prevê transição tranquila

Para o Sindicato, 2018 foi um ano cheio de realizações na frente institucional

4

Resiliência e realizações

FenSeg comemora um crescimento dos seguros gerais, apesar da crise econômica

3

Mudando os paradigmas

Na área de saúde suplementar, um ano de feitos importantes

7

2019 SE DESENHA, NAS ENTREVISTAS A SEGUIR, COMO ANO DA RETOMADA

Nesta edição de encerramento do ano, trazemos um balanço abrangente das atividades de diferentes segmentos que compõem a indústria seguradora.

Nós, do Sindseg SP, como se pode ver nas páginas 4 e 5, iniciamos 2018 sob forte pressão, proporcionada pelo desemprego elevado e incertezas no cenário político. Estamos, felizmente, terminando 2018 com um saldo mais positivo do que aquilo que se prenunciava, com muitas realizações em nossa frente de atuação institucional. Para 2019, acreditamos que ocorrerá um período de transição tranquilo.

Nesta página, o presidente da FenaCap, Marcos Coltri, destaca que, apesar dos efeitos da crise econômica, o setor de capitalização termina o ano beneficiado pela maior cautela das pessoas com os seus gastos.

Na página 3, o presidente da FenSeg, João Francisco Borges da Costa, chama a atenção para a resiliência dos seguros gerais ao longo do ano e detalha as principais bandeiras empunhadas pela Federação no período. O presidente da

FenaPrevi, Edson Luiz Franco, também reporta, na página 6, crescimento do segmento em 2018, apesar das dificuldades no front econômico.

Solange Beatriz Palheiro Mendes, presidente da FenaSaúde, apresenta, na página 7, as mudanças que agitam o segmento em 2018.

Nas páginas 8 e 9, os presidentes da Fenacor, Armando Vergílio, e do Sincor-SP, Alexandre Camillo, nossos parceiros de sempre, também descrevem os desafios e conquistas do ano que se encerra.

Pode-se facilmente detectar um viés comum nas considerações apresentadas pelos entrevistados: as expectativas otimistas em relação a 2019, fundamentadas na perspectiva de retomada da economia, sob o novo governo do presidente eleito Jair Bolsonaro. Nós, do Sindseg SP, também compartilhamos das perspectivas alvissareiras. E mais uma vez selamos o compromisso de trabalhar intensamente para que as expectativas sejam concretizadas.

Que 2019 seja bem-vindo.



“Compartilhamos das perspectivas alvissareiras e selamos o compromisso de trabalhar para que as expectativas sejam concretizadas”

MAURO BATISTA
PRESIDENTE DO SINDESEG SP

EXPEDIENTE

Sindseg SP Notícias é uma publicação do Sindicato das Empresas de Seguros, Resseguros e Capitalização do Estado de São Paulo. **Presidente:** Mauro Batista. **Diretor Executivo:** Fernando Simões. **Produção:** Néctar Comunicação Corporativa. **Jornalista responsável:** Eugênio Melloni (MTB 19.590). **Redação e edição:** Eugênio Melloni. **Fotos:** Divulgação

VOLUME DE RESGATE DE TÍTULOS CAIU 5,5% EM 2018

O setor de capitalização, a exemplo do que ocorreu com os demais segmentos do mercado segurador, não escapou dos percalços enfrentados pela economia do país em 2018, informa o presidente da FenaCap, Marcos Coltri. “Mas, por suas características, podemos dizer que há uma certa resiliência frente à períodos de instabilidade econômica e até mesmo novas oportunidades de negócios”, acrescentou ele.

Coltri lembra que, em momentos de instabilidade, há uma tendência a uma cautela maior por parte dos consumidores, que acabam adiando compras e economizam para uma eventual emergência financeira. “Temos atestado isso com a redução do volume de resgates de títulos. Houve um recuo de 5,5% até setembro, em comparação a igual período do ano passado”, explicou Coltri. “Isso indica que as pessoas que não estão endividadas procuram manter as suas reservas. E a capitalização tem se mostrado um instrumento eficiente captar esses recursos”, acrescentou.

O presidente da FenaCap destaca, entre as conquistas obtidas pelo segmento de capitalização em 2018, as mudanças regulatórias veiculadas pela Circular 569, publicada em maio e complementada pela circular 576, editada em agosto, obrigando as empresas a se ajustarem operacionalmente para atender às novas regras. As modalidades Instrumento de Garantia e Filantropia Premiável, criadas a partir da implantação do marco regulatório, permitirão que as empresas criem novos produtos para atender as necessidades dos consumidores e preencham uma lacuna de mercado. “A tendência é que no início de 2019 o mercado faça muitos lançamentos de produtos e inicie um novo ciclo de crescimento e inovação”, diz ele.

RESILIÊNCIA E REALIZAÇÕES EM 2018

A FenSeg registrou, nos nove primeiros meses do ano, crescimento sustentado, com destaque para os seguros de Automóvel e Residencial

O balanço do ano de 2018 foi positivo para o segmento de Seguros Gerais, na opinião do presidente da Federação Nacional de Seguros Gerais (FenSeg), João Francisco Borges da Costa. Mostrando mais uma vez resiliência em um período ainda marcado por entraves ao desenvolvimento econômico, o segmento registrou crescimento sustentado nos nove primeiros meses do ano, com destaque para as carteiras de Automóvel e Residencial – esta última com uma expansão de 16,7% no acumulado de janeiro a setembro. A FenSeg dedicou-se também à defesa dos interesses do setor segurador em questões importantes, como o combate à venda irregular de seguros e a regulamentação do Seguro Auto Popular. Para 2019, a expectativa do presidente da FenSeg é de que o setor segurador seja beneficiado por um aquecimento gradual da economia brasileira. Na entrevista a seguir, Borges da Costa comenta o desempenho do setor em 2018, detalha as realizações da Federação no período e revela as suas expectativas para o ano vindouro:

NOTÍCIAS SINDESEG SP – Como foi 2018 para o setor de seguros, considerando-se que este foi um ano eleitoral e de economia em ritmo lento de retomada?

JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA – O ano foi positivo, com avanços que merecem ser destacados. De modo geral, o segmento de Seguros Gerais apresentou trajetória de crescimento sustentado, demonstrando mais uma vez que se mantém sólido diante dos problemas econômicos enfrentados pelo país. A maior carteira dos Seguros Gerais, Automóvel, recuperou o fôlego e registrou crescimento de 6,6% no acumulado de janeiro a setembro deste ano. Esse desempenho foi fortemente influenciado pela

retomada da indústria no que diz respeito à produção e à venda de veículos. O seguro Residencial também apresentou forte expansão no período, de 15,7%. O setor de seguros costuma se expandir na esteira do crescimento econômico do país. Embora não seja possível traçar um prognóstico definitivo, todos os indicadores nos levam a um cenário de expansão moderada do PIB nos próximos anos, o que certamente impactará na atividade de Seguros Gerais. Isso se dará seja pelo aumento do volume de mercadorias produzidas e que circulam no país – o que impacta na contratação dos seguros de transportes –, seja pelo crescimento das vendas na indústria automobilística, que será maior neste ano, puxado pelo consumo das famílias. Esse cenário ajuda o consumidor a trocar de carro, pois os juros ficarão mais baixos e o crédito estará acessível, o que impulsiona o seguro dos Automóveis, de todos os tipos.

NS – Quais foram os principais desafios e realizações registrados neste ano?

JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA – O combate à venda irregular de seguros por parte das associações de proteção veicular foi tema prioritário na agenda da FenSeg em 2018, devido ao forte impacto que pode causar ao mercado. Em parceria com a CN-seg e a SUSEP, a Federação atuou de forma efetiva no combate ao exercício irregular da atividade seguradora. Cabe destacar ainda o apoio da FenSeg à aprovação do PLP 819/2018, de autoria do deputado federal Lucas Vergílio (SD-GO), que tem por finalidade regularizar as atividades destas associações. Outro assunto que também ganhou espaço na agenda do setor foi o seguro de Garantia de Obrigações Contratuais, em função da nova Lei de Licitações de Obras Públicas, que se encontra em



JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA
PRESIDENTE DA FENSEG

discussão no Congresso Nacional. O combate à fraude no seguro também mereceu atenção especial da FenSeg, devido ao agravamento da situação de roubo e furto de veículos, assim como de mercadorias em geral. A FenSeg contribuiu ativamente também nas discussões visando à regulamentação do Seguro de Auto Popular por meio da Resolução CNSP 354, principalmente nos aspectos referentes a idade mínima dos veículos, possibilidade de utilização de oficinas da rede credenciada do produto e utilização de peças usadas (certificadas) oriundas de desmontagem de veículos, a partir de critérios estabelecidos em harmonia com o mercado. Outros temas que mereceram atenção especial da FenSeg foram as discussões sobre a regulamentação do DPVAT e a criação da Comissão Estratégica de Seguros Corporativos.

NS – Que cenário a FenSeg traça para o setor segurador em 2019?

JOÃO FRANCISCO BORGES DA COSTA – O Brasil caminha para uma retomada gradual do desenvolvimento econômico, com perspectivas de queda de juros, aumento do volume de investimentos, dos índices de empregabilidade e do consumo das famílias. Isso deve trazer aquecimento a diversos setores da economia, que vão demandar mais contratação de seguros. Com a retomada dos investimentos no setor de infraestrutura, as demandas por garantias de performance devem voltar a acontecer. Em 2017, essa carteira registrou crescimento de 26% graças ao desempenho do seguro de Garantia Judicial. Este ano, o crescimento deve continuar na casa de dois dígitos. Isso sem falar nos seguros Habitacional, Crédito e Rural, que também mostram resultados expressivos.

EXPECTATIVAS DE UMA TRANSIÇÃO POSITIVA

2018 foi, na visão do presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, um ano cheio de realizações. Para 2019, as expectativas são mais positivas

O ano de 2018 está terminando com o setor segurador em São Paulo embalado por expectativas muito mais positivas que as traçadas na virada do ano passado. Na visão do presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, o país tem à frente, nos fronts econômico e político, um cenário de transição que deverá transcorrer com normalidade, marcado “pelo otimismo na população em geral em relação ao novo governo”. Em relação a 2018, a avaliação de Batista é a de que o desempenho da indústria seguradora neste ano foi melhor que o previsto inicialmente. O presidente do Sindseg SP alinha também, na entrevista a seguir, um conjunto considerável de realizações do Sindicato no período, que contribuíram para disseminar a cultura do seguro:

NOTÍCIAS SINDSEG SP – Quais foram as principais atividades realizadas pelo Sindseg SP, no que se refere à sua atuação institucional?

MAURO BATISTA – O Sindicato, que tem um papel importante em mostrar à sociedade e ao Estado a importância do seguro, mantém um processual mais ou menos contínuo. Todos os anos, estamos com os mesmos objetivos, buscando fazer as mesmas manifestações em favor da valorização do seguro. Para isso, precisamos manter uma interação muito importante com os corretores, algo que fazemos de maneira sempre cuidadosa porque, se em um dado temos um interesse único, que é vender seguros, em um segundo momento temos de buscar a convergência em questões como preços e remuneração dos corretores, por exemplo. Sempre será parte importante de nosso trabalho institucional assegurar que seja mantida uma boa relação com os corretores, dirimindo eventuais dificuldades que venham a surgir no dia a dia. Para isso, mantemos uma Comissão Intersindical, que reúne os representantes de seguradoras e corretores, na qual são levantados os problemas que podem gerar divergências entre as partes. Esse trabalho ficou, em 2018, mais uma vez muito acentuado. Outra frente na qual o Sindseg SP é muito proativo, e neste ano não foi diferente, é a interação com a área de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Neste ano, colhemos mais uma vez os frutos desse relacionamento. Contamos mais uma vez com um acolhimento fantástico do secretário Márgino Alves Barbosa Filho e sua equipe em iniciativas que contribuíram efetivamente para o combate ao crime organizado. Em São Paulo, o roubo de veículos sempre apresentou como fator agravante a prática do latrocínio. Então, em razão da Lei do Desmonte, que construímos em conjunto há três anos, os efeitos sobre o combate a essa prática felizmente continuam a ser cada vez mais positivos.

A curva do roubo de carros em São Paulo caiu drasticamente em relação a outras regiões do país. Essa diminuição, contudo, não se transformou em conformismo de nossa parte. O relacionamento com a Secretaria de Segurança Pública foi mantido e ampliado, a ponto de realmente termos uma sensação de dever cumprido, sem, contudo, nos acomodarmos. Temos uma assessoria técnica que está sempre rastreando movimentos da criminalidade por meio de mapas e gráficos. Esse trabalho se tornou um processo permanente aqui dentro.



Batista: foco em educação no trânsito e na cultura do seguro

NS – O Sindseg SP vem ampliando também, ano a ano, a sua atuação em prol de um trânsito mais seguro. Como foi a atuação do Sindicato nessa frente em 2018?

MAURO BATISTA – O acidente de trânsito, que consideramos uma calamidade para o país, que é afetado barbaramente, também foi algo que nos preocupou muito. São Paulo é campeão nacional nessa área, em função do número de carros que transitam no Estado. E a irresponsabilidade das pessoas tem levado a números funestos: no Brasil morrem, atualmente, cerca de 200 pessoas por dia em acidentes de trânsito. É como se caísse um avião diariamente. São Paulo tem um peso grande nessa estatística. Desenvolvemos um trabalho em parceria com os corretores a partir do Maio Amarelo (mês dedicado à conscientização sobre a importância do trânsito seguro). Maio passou, mas a luta pela vida continua. Então, não há mais mês para isso: estamos constantemente realizando uma campanha educacional na capital e nas cidades do Estado, mostrando que não se deve dirigir depois de fazer uso do álcool. Temos entre os slogans dessa campanha o que afirma que “quando se bebe e dirige, alguém sempre se machuca”. Investimos em diversos tipos de campanhas, que abrangeram, por exemplo, a panfletagem em bares e restaurantes da Vila Madalena, bairro boêmio de São Paulo, e no Metrô. Temos uma posição de vanguarda no combate à falta de cuidados no trânsito, adotando uma campanha educativa que enfatiza que não se deve falar ao celular ao volante, não se deve dirigir depois de ingerir bebidas alcoólicas, é preciso usar cadeirinhas para as crianças, entre outras medidas preventivas.

NS – Em relação a iniciativas voltada para a disseminação da importância do seguro, o que foi feito em 2018?

MAURO BATISTA – Focamos, neste ano, mais uma vez em educação escolar, em educação financeira, estabelecida em legislação nacional. Desenvolvemos um projeto educação que envolveu o uso da gamificação juntamente com a Secretaria de Educação do Estado, dando continuidade a um programa que já tínhamos, o Educar para Proteger. Essa iniciativa se chama agora Vida Segura. O programa transmite noções de Previdência, de poupança, de controle da vida, oferecendo aos jovens um sentido preventivo, de não gastar tudo o que se ganha e saber que existem instrumentos de proteção. Esse trabalho envolveu um esforço muito grande de nossa parte. Na mesma linha deste programa de educação para os jovens nas escolas pública e privada, também temos um programa muito parecido, realizado junto às universidades. Demonstramos aos universitários, principalmente àqueles em fase de conclusão de seus cursos, a importância de conhecer mais de perto a atividade seguradora, seja para fazer uso dela em suas carreiras, ou, ao conhece-la, se transformarem em candidatos em potencial para atuarem na área. Outro trabalho desempenhado com grande intensidade pelo Sindicato em 2018 foi promover a disseminação da cultura do seguro de uma forma geral. Diversos seminários foram realizados aqui na sede do Sindseg SP, nos quais foram discutidos temas importantes em relação à vida humana, o que o seguro pode fazer, os novos riscos que não existiam e a sociedade começa a enfrentar, como são os casos dos riscos cibernético e oriundos de problemas ambientais e climáticos. Também abrangeram os seguros que evoluíram mais e que hoje tem maior importância, como os seguros de garantia e de responsabilidade. O Sindseg SP primou por incentivar essas discussões junto a associadas e a diversas lideranças do setor institucional do seguro. São ações que,

“Colhemos os frutos da parceria com a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo”

MAURO BATISTA

muitas vezes, apresentam um efeito que não é tangível em um primeiro momento, mas que temos absoluta convicção de que consistem em um capital importante que surtirá, mais cedo ou mais tarde, um efeito extraordinário. Executamos também neste ano o programa Seguro em Todo o Estado, por meio do qual levamos a formadores de opinião nas cidades do interior e do litoral do Estado informações sobre a importância do seguro para a sociedade. Contamos como âncora nessa iniciativa o trabalho do professor Luiz Marins.

NS – Na sua avaliação, como foi o ano de 2018 para o setor segurador?

MAURO BATISTA – No apagar das luzes de 2017, nossa expectativa em relação ao setor de seguros para 2018 era de muita pressão, mas muita pressão, mesmo. Estávamos diante de um país com 12 milhões de desempregados, um governo sem credibilidade e embates políticos no Congresso. O início da caminhada de 2018 foi nesse clima. O Estado de São Paulo mantém posição de destaque no setor segurador. Atualmente, o Estado responde por 30% a 35% da produção de riquezas do país. No tocante à indústria seguradora, o Estado é responsável por 40% a 45% do total - ou seja, temos aqui a geração de quase a metade do seguro do Brasil. Os números mostram a importância de São Paulo para o setor. Mas temos de ter cuidado com essas análises. Penso que a população de São Paulo, os políticos e os diretores das empresas não podem entender que isso é um privilégio e que proporciona alguma distinção. Não deve haver um sentido de competitividade. São Paulo deve ser um Estado que se desenvolverá cada vez mais, desde que o Brasil também se desenvolva. O grande cliente de São Paulo é o restante do Brasil. Se tirássemos o Estado de São Paulo do país, ele perderia sua força. É preciso saber trabalhar com isso. À medida que o Estado se torna mais senhor dessa grandeza, os desafios são maiores.

NS – O que se pode esperar para o ano vindouro?

MAURO BATISTA – Estamos chegando ao final do ano com expectativas muito mais positivas para 2019 do que tínhamos em 2017 em relação a 2018. Felizmente temos um cenário de transição à vista que, ao que tudo indica, deverá transcorrer dentro da normalidade. Existe um otimismo na população em geral em relação ao novo governo. E temos uma oposição que, embora não se demonstre conformada com a derrota nas eleições, esperamos que venha a fazer uma oposição responsável, de forma a pressionar o novo governo a ser produtivo e coerente, melhorando o nível de desemprego, fazendo a reforma da Previdência e a reforma política. De forma que, quem sabe, possamos chegar ao final de 2019 com resultado nos números e também na formação e na educação da cultura de seguros mais bem evoluída.

UM ANO DE EXPANSÃO E CONQUISTAS NA ÁREA INSTITUCIONAL

FenaPrevi registrou em 2018 captação líquida positiva e crescimento das reservas, além de expansão nos seguros de pessoas



ÉDSON LUIZ FRANCO
PRESIDENTE DA FENAPREVI

Um ano de crescimento, apesar do cenário econômico ainda pouco favorável, e de avanços importantes no campo regulatório. Assim pode ser explicado o ano de 2018, de acordo com a entrevista concedida pelo presidente da FenaPrevi, Edson Luiz Franco. Mesmo com um cenário de baixo crescimento econômico, o setor registrou captação líquida positiva e ampliação significativa, em termos reais, das reservas. Os seguros de pessoas também exibiram expansão considerável, acumulando R\$ 38 bilhões em prêmios. Em sua atuação institucional, a FenaPrevi obteve também conquistas importantes, registrando, por exemplo, uma evolução regulatória dos produtos de acumulação, particularmente em relação às regras de investimentos. Na entrevista a seguir, Franco detalha os desafios e as conquistas de 2018 e as expectativas para 2019:

NOTÍCIAS SINDSEG SP - Em 2018, a economia brasileira ainda marcou passo, apresentando um cenário de crescimento muito tímido. Este também foi um ano de eleições presidenciais, o que normalmente pode proporcionar insegurança e incerteza. Como transcorreu 2018, considerando esses fatores?

ÉDSON LUIZ FRANCO - Até setembro deste ano, as reservas dos planos de previdência privada aberta totalizaram R\$

806,5 bilhões e apresentaram um saldo 10,5% maior em relação ao montante registrado no mesmo período do ano anterior. Atualmente, 13 milhões de indivíduos têm plano de previdência privada no país. O total corresponde a aproximadamente 6,17% da população brasileira. Dos 12,7 milhões de planos ativos, 9,9 milhões são contratos de planos individuais (incluindo planos para menores) e 3 milhões, planos coletivos. Mesmo com baixo crescimento econômico, o setor seguiu com captação líquida positiva e com as reservas crescendo significativamente em termos reais, o que reflete o perfil prudente dos clientes com previdência privada aberta. Os seguros de pessoas como instrumento fundamental de proteção social também alcançaram um patamar significativo, com prêmios de R\$ 38 bilhões. Mais brasileiros estão contratando algum produto para proteção de riscos pessoais, seja um seguro de vida, seguro de acidentes pessoais, proteção financeira, seguro educacional, seguro viagem, entre outros.

NS - Nas áreas de influência da FenaPrevi, quais foram os principais desafios e realizações registrados neste ano?

ÉDSON LUIZ FRANCO - Destacamos avanços importantes obtidos neste ano, como a evolução regulatória dos produtos de acumulação, particularmente em relação às regras de investimento. Além

disso, concluímos também a tipificação tributária do produto Vida Universal e avançamos na regulamentação do seguro funeral e na proteção contra todo e qualquer tipo de seguro ilegal, que já começa a preocupar o segmento de vida. Retomamos os debates em torno da diversificação dos canais de distribuição, com a criação da figura do agente especialista em distribuição de seguros de vida e previdência. Houve também o avanço da criação do PrevSaúde, em parceria com a ANS, preparando os clientes para o aumento da longevidade e dos custos de saúde inerentes. O desenvolvimento de um mercado de annuities mais moderno, utilizando a experiência internacional, é outra grande conquista do setor.

NS - Para 2019, quais são as expectativas da FenaPrevi?

ÉDSON LUIZ FRANCO - Em 2019 acreditamos que o bom desempenho do mercado de previdência privada e de seguros de pessoas deve se manter, uma vez que, apesar de movimentar bilhões de reais, o setor ainda tem uma participação baixa em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) do país, o que indica um potencial de crescimento. As reservas técnicas previdenciárias equivalem hoje a 12% do PIB se considerado apenas os planos abertos. E o montante pago para custeio dos seguros de pessoas, anualmente, equivale a apenas 0,58% do PIB.

MUDANÇA DE PARADIGMAS

A FenaSaúde comemora feitos importantes em 2018. O segmento conseguiu reduzir a evasão de usuários de planos e está mudando o modelo de atendimento aos clientes

A FenaSaúde registrou avanços importantes em 2018. O segmento conseguiu atingir, após três anos de evasão de beneficiários dos planos de saúde, a estabilidade neste quesito, destaca a presidente da federação, Solange Beatriz Palheiro Mendes. Outro feito importante foi dar andamento a discussões sobre mudanças nos modelos de atendimento da Saúde Suplementar, com a introdução do modelo de Atenção Primária à Saúde (APS), voltado para o atendimento holístico do cidadão, com foco em ações de prevenção e promoção à saúde. Para 2019, a expectativa da presidente da FenaSaúde é a de que serão levadas adiante as discussões em torno de uma agenda vital para o segmento, cujas medidas estão reunidas no documento 'Desafios da Saúde Suplementar 2019'. Veja a entrevista na íntegra:

NOTÍCIAS SINDSEG SP - Como foi o ano de 2018 para o segmento de saúde suplementar? Como o segmento foi impactado pela crise econômica neste ano?

SOLANGE BEATRIZ PALHEIRO MENDES - Depois de três anos seguidos de perdas de consumidores de planos de saúde, que resultaram na evasão de três milhões de beneficiários em razão da crise econômica, o ano de 2018 apresentou certa estabilidade nesse indicador. Os dados mais recentes disponíveis, de setembro de 2018, mostram que os planos de assistência médico-hospitalar têm aproximadamente 47,3 milhões de beneficiários. A contratação desse serviço depende de dois fatores: renda e emprego. Há uma clara relação entre a dinâmica do mercado de trabalho formal e o desenvolvimento do setor de Saúde Suplementar - vale lembrar que 66% dos vínculos de planos de saúde são por meio dos coletivos empresariais, quando as empresas contratantes oferecem o serviço como benefício aos seus colaboradores. Na contratação dos planos de saúde, os planos exclusivamente odontológicos tiveram mais um ano de crescimento no número de be-



SOLANGE BEATRIZ PALHEIRO MENDES
PRESIDENTE DA FENASAÚDE

neficiários. O segmento vem crescendo apesar da crise econômica. Em setembro de 2018, esse tipo de plano registrava 24 milhões de consumidores.

NS - Quais foram os principais desafios e realizações registrados neste ano?

SOLANGE BEATRIZ PALHEIRO MENDES - Os principais desafios e realizações do setor, em 2018, foram as discussões em torno dos atuais modelos assistencial e de remuneração dos prestadores de serviços. O modelo de atenção à saúde predominante hoje na Saúde Suplementar é baseado no livre acesso a especialistas e tem foco no tratamento da doença. O resultado dessa forma de trabalho resulta em ineficiência no atendimento e gera desperdícios no sistema de saúde. Para mudar esse quadro de atendimento médico fragmentado, as operadoras estão buscando o modelo de Atenção Primária à Saúde (APS), que, em sua essência, está voltado para o atendimento holístico do cidadão, com foco em ações de prevenção e promoção à saúde. Operadoras associadas à FenaSaúde estão investindo na coordenação do cuidado, na contratação de equipes de medicina da família e no treinamento em atenção primária. Uma das associadas conta com programa exclusivo para segurados acima de

65 anos a partir de um modelo integral e coordenado de atenção aos idosos. É uma iniciativa inovadora que promove o cuidado integral por meio da coordenação de uma equipe multidisciplinar. Outra operadora mantém unidades de atendimento multidisciplinar baseadas em atenção primária, com equipes compostas por médicos de família, enfermeiros e agentes de saúde, além de fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos. Os espaços oferecem programas de prevenção e de promoção da saúde, como combate ao tabagismo, planejamento familiar e emagrecimento. Outro ponto são as discussões sobre a mudança do modelo de remuneração "fee for service" (pagamento pelo número de procedimentos realizados) para outro baseado em resultados e desfechos clínicos. Algumas operadoras já debatem e até implementam novas formas de pagamento junto à sua rede credenciada de prestadores de serviço. É importante pôr o beneficiário de planos de saúde no centro dessa e de outras discussões para o aprimoramento do setor.

NS - Que cenário a FenaSaúde prevê para o segmento em 2019?

SOLANGE BEATRIZ PALHEIRO MENDES - A FenaSaúde apresentou os desafios da Saúde Suplementar com o objetivo de apontar caminhos que viabilizem a sustentabilidade do sistema privado a médio e a longo prazo. O resultado desse trabalho foi consolidado na publicação do documento 'Desafios da Saúde Suplementar 2019', que apresenta 11 medidas para fortalecer o setor no próximo ano. Entre as medidas, a Federação defende a Atenção Primária à Saúde (APS) e rede hierarquizada; novas regras de formação de preços e reajuste; mudanças de regras para a incorporação de novas tecnologias; combate a fraudes, com tipificação de crimes; a mudança de modelo de remuneração; análise de impacto regulatório; e a criação de produtos de previdência e poupança vinculados à saúde. Essa agenda será debatida e aprofundada ao longo do próximo ano.



Armando Vergílio: corretores terminam 2018 mais fortes do que quando começaram

FAZENDO A LIÇÃO DE CASA

Os corretores de seguros enfrentaram um duro teste: a adaptação a novas tecnologias, segundo a Fenacor. Agora, estão preparados para enfrentar, com otimismo, o futuro

Para os corretores de seguros, 2018 foi um ano de transição, conforme define o presidente da Fenacor, Armando Vergílio: os profissionais deste segmento tiveram de se adaptar a desafios como a adoção de novas tecnologias e um aumento da concorrência. Para Vergílio, a categoria demonstrou no período grande resiliência, capacitando-se para enfrentar, com otimismo, o futuro. O presidente da Fenacor traça os planos para 2019 com otimismo: a esperada retomada da economia e o início de um governo que promete incentivar a produção e reduzir a carga tributária são bons presságios. Veja a seguir a entrevista na íntegra:

NOTÍCIAS SINDSEG SP - O que representou 2018 para os corretores de seguros?

ARMANDO VERGÍLIO – Este foi um ano de “transição”. Os negócios sofreram naturalmente as consequências do ritmo lento de recuperação da economia. Contudo, comparado a outros setores,

o mercado de seguros não foi mal, acumulando resultado positivo no exercício. Diante do aumento da concorrência e das rápidas mudanças provocadas pela adoção de novas tecnologias, os corretores de seguros precisaram se adequar, investir mais, capacitar seus colaboradores e diversificar seus negócios. Nesse contexto, entendo que a categoria demonstrou forte resiliência, enfrentando e, em linhas gerais, vencendo os desafios. Agora, os corretores estão prontos para seguir em frente, com justificado otimismo.

NS - Quais foram os principais desafios e realizações registrados neste ano?

ARMANDO VERGÍLIO – Como eu disse, as transformações provocadas por novas tecnológicas e a demora na retomada do crescimento econômico foram obstáculos que exigiram muito trabalho e dedicação. Creio que os corretores de seguros terminam 2018 mais fortes do que iniciaram. Quanto às rea-

lizações, é justo destacar as vitórias obtidas em duras batalhas com elementos estranhos ao nosso mercado, que atuam irregularmente no setor, como se fossem seguradoras. Nesse sentido, o avanço, no Congresso, do projeto de lei de autoria do deputado Lucas Vergílio que regulamenta a atuação das chamadas associações de proteção veicular foi uma conquista muito importante.

NS - Quais são as suas previsões para o segmento em 2019?

ARMANDO VERGÍLIO – Há um cenário positivo. Temos um novo governo, que promete incentivar a produção e reduzir a carga tributária. O nosso mercado tem um amplo espaço para ocupar se houve um cenário que favoreça o empreendimento e o trabalho. E a esperada retomada da economia vai demandar um forte esforço do setor de seguros visando ao desenvolvimento de produtos que assegurem a necessária proteção dos negócios e das pessoas.

À ESPERA DA RETOMADA

Depois de um ano difícil, o Sincor-SP trabalha com a expectativa de que 2019 será um período mais favorável para os corretores

De volta ao comando do Sincor-SP, o sindicato dos corretores de seguros de São Paulo, após ter se candidatado a deputado estadual nas eleições de novembro último, Alexandre Camillo já se prepara para os desafios e oportunidades que o ano de 2019 proporcionará. As expectativas do dirigente do Sincor-SP são positivas, alimentadas pela melhoria dos índices econômicos já nesse ano, depois de Jair Bolsonaro ter vencido a disputa pela Presidência da República. Para o ano que se aproxima, Camillo acredita que iniciativas como a reforma da Previdência e a própria retomada do crescimento econômico surtirão efeito positivo sobre o setor segurador. Na entrevista a seguir, Camillo trata desse e de outros assuntos:

NOTÍCIAS SINDSEG SP – O ano de 2018 foi um período marcado por um ritmo ainda lento da retomada da economia brasileira. Também tivemos neste ano eleições presidenciais. Considerando esses e outros fatores determinantes, como foi 2018 para os corretores de seguros?

ALEXANDRE CAMILLO – O setor de seguros se desenvolve em reflexo da economia. Dessa forma, enfrentamos, em 2018, um período difícil, em decorrência das instabilidades econômicas e políticas. Passadas as eleições, com a definição do governo Bolsonaro, os índices econômicos já melhoraram e a expectativa do setor, como de todos os outros, é otimista. Para 2019, com os ajustes que serão realizados e a volta da estabilidade, devemos ter a aguardada retomada do crescimento da economia e do setor de seguros. Apesar das instabilidades do país, os seguros seguem crescendo, mas há potencial para muito mais. Com o novo governo teremos impactos importantes para nosso setor. Um deles é a reforma da Previdência, que proporcionará um momento de oportunidades para a previdência privada. Também acreditamos que outros ramos irão se desenvolver a partir da retomada dos negócios, das obras de infraestrutura etc. Os corretores de seguros irão se adaptar a uma nova realidade, que ainda é de ajustes.



“Um grande feito foi concretizar, em meio a tantos desafios a realização do maior Conec de todos os tempos”

ALEXANDRE CAMILLO
PRESIDENTE DO SINCOR-SP

NS – O senhor participou diretamente do processo eleitoral deste ano. Como foi essa experiência?

ALEXANDRE CAMILLO – De forma particular, em 2018 tive a experiência de me candidatar pela primeira vez a um cargo na política partidária, com o objetivo de ampliar a representatividade do setor, de forma a contribuir para obtermos avanços em nossos pleitos. Apesar de não ter sido eleito, considero que foi uma experiência gratificante. Recebi 21.086 votos em minha candidatura a deputado estadual, o que me impulsiona a seguir buscando, mais e de forma cada vez melhor, conquistas para o setor.

NS - Quais foram os principais desafios e realizações registrados neste ano?

ALEXANDRE CAMILLO – Os desafios foram desenvolver o setor de seguros em um momento ainda de crise da economia brasileira e também fazer o Sincor-SP, como todas as instituições sindicais, se adaptar à sua nova realidade econômica. Uma grande realização do ano foi, sem dúvidas, em meio a tantos desafios e dificuldades financeiras, concretizar

a realização do maior Conec de todos os tempos. Lembramos que o Conec já era considerado o maior congresso de corretores de seguros da América Latina. Com ajustes de gestão, em novo local, com novo formato de palestras, atingimos a meta de receber 10 mil participantes, quase o dobro da edição anterior.

NS - Que cenário o Sincor-SP traça para o segmento em 2019?

ALEXANDRE CAMILLO – O setor de seguros é pujante e cresce mesmo em períodos de dificuldades. Acreditamos que, com a retomada do crescimento da economia do país, as oportunidades serão muitas, e, sem dúvidas, o corretor de seguros se fará necessário neste novo cenário. Para o Sincor-SP, 2019 ainda será um ano de desafios, de ajustes, fato inerente a qualquer entidade sindical. Mas iremos nos reinventar e superar as adversidades que, porventura, surgirem no caminho, acompanhando o desenvolvimento do setor de seguros. Temos muito a fazer para preparar e apoiar os corretores para os novos caminhos.

UM ANO INTERESSANTE

Uma das pragas chinesas é dita disfarçada de voto de felicidade ou vida fácil, mas seu sentido é exatamente o oposto. Quando os chineses querem que você morra na praia, sem água doce, mas vendo a cachoeira caindo morro abaixo, dizem: “Que os céus permitam que você viva em tempos interessantes”.

Pare e pense. Não há nada mais difícil e mais incerto do que viver em tempos interessantes, sejam eles quais forem. Tanto faz se bons ou ruins, tempos interessantes implicam em novidades, quebra de paradigmas, mudanças profundas, novos valores, novos padrões éticos etc. Seja qual for o seu caso, implica em sair da zona de conforto, ter que se adaptar a uma nova realidade, aceitar a mudança.

O setor de seguros viveu tempos interessantes ao longo de 2018. Uma série de ameaças não se confirmou; em compensação, outras chegaram sem aviso, complicando a vida de quem ganhou ou de quem perdeu dinheiro. Análises criteriosas não se confirmaram, melhorando o resultado de algumas carteiras; em compensação, movimentos inesperados complicaram a vida de quem imaginava que estava a salvo da tormenta.

Poucas seguradoras ganharam muito dinheiro; outras, nem tanto; algumas perderam pouco e outras perderam muito mais do que imaginavam possível. Na base desses fatos está a crise brasileira e medidas de gestão que foram ou não foram implementadas, com consequências algumas vezes opostas ao que se imaginava.

A começar pelo inimaginável, em 2018, pela primeira vez em mais de duas décadas, os planos de previdência complementar abertos tiveram um desempenho muito abaixo da série histórica.

De outro lado, as seguradoras que investiram em um novo perfil, entrando em carteiras que não eram exploradas por elas, acabaram se dando bem. Da mesma forma que várias companhias foram surpreendidas pelo desempenho positivo do seguro de veículos, que nos

“Poucas seguradoras ganharam muito dinheiro; outras, nem tanto; algumas perderam pouco e outras perderam muito mais do que imaginavam”

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA



últimos anos vinha puxando o resultado do mercado para baixo.

As duas situações têm explicação. Os planos de previdência complementar abertos sofreram com o desemprego gerado pela crise que levou vários de seus investidores a sacar de seus fundos para fazer frente às despesas da vida.

Já os seguros de veículos tiveram uma redução da sinistralidade, em função do menor uso dos bens segurados, quer em decorrência da crise, quer pela mudança da forma de uso principalmente de automóveis pela população em geral.

A crise afastou das ruas os veículos dos que ganham menos, além de impactar o uso de caminhões, uma vez que a quantidade de carga transportada diminuiu. O resultado foi a redução do número de acidentes e, conseqüentemente, do valor das indenizações.

Como se não bastasse, a tênue retomada da economia foi suficiente para aquecer a venda de veículos novos e man-

ter aquecido o comércio de veículos usados, gerando mais prêmios num cenário que já apresentava menos sinistros.

Com a retomada do crescimento em patamares acima dos esperados, o setor de seguros deve viver tempos de bonança ao longo dos próximos anos. A geração de novos empregos, o aumento do consumo e o aquecimento da produção terão impacto rápido e positivo sobre a comercialização dos produtos oferecidos pelo setor.

O Brasil se ressentirá da falta de seguros para praticamente todos os campos da proteção social, seja pessoal, seja patrimonial. Saindo da crise, suprir essa demanda será uma das primeiras exigências da sociedade.

Neste cenário, seguradores e corretores têm vasto campo de manobra para se dar bem. Mas é preciso cautela e profissionalismo. Aqueles que não entenderem o momento e não se adaptarem aos novos tempos ficarão para trás.